



DEUTSCH
PORTUGIESSISCHER
JOURNALISMUS-PREIS
PRÉMIO DE JORNALISMO
LUSO-ALEMÃO

1.º lugar

Fabian Federl

"Der Deal"

"O Negócio"

Süddeutsche Zeitung Magazin, 27 de novembro 2020

Tradução: Paulo Rêgo

O negócio

Fabian Federl,
Correspondente de Süddeutsche Zeitung Magazin

O nepalês Sujan Khanal pretende viver na Europa. Portugal faz-lhe uma oferta: irá agora colher framboesas durante sete anos – em troca receberá o passaporte pelo qual anseia. Um negócio em que apenas uma das partes tem a certeza de ficar a ganhar.

Numa tarde do fim de verão de 2019, Sujan Khanal, um jovem de 27 anos com um olhar pueril, sai de um autocarro público em Odemira. Com um relance percorre a zona das chegadas, onde se encontram dezenas de pessoas que usam turbantes e túnicas coloridas. Há sikhs sentados numa mesa do restaurante junto à estação de autocarros, indianos muçulmanos na mesa ao lado, numa terceira juntam-se os nepaleses. Sujan, também ele nepalês, vai sentar-se junto deles. Fica à espera. Tal como o intermediário lhe havia dito. Dali a alguns minutos, chega um miniautocarro e detém-se. O motorista chama Sujan, acenando-lhe. A seguir, acelera pela rua principal, passa junto às casas revestidas a azulejo, passa por outros homens, também eles à espera dos respetivos autocarros, que – tal como acontece com Sujan – os levarão para o lugar que irá ser a sua casa. Durante cerca de sete anos.

Sujan Khanal é um de entre as dezenas de milhares de nepaleses em Odemira, uma região escassamente povoada no sul de Portugal. Vieram devido a uma oferta que o Estado lhes faz: sete anos de trabalho em troca de um passaporte europeu. Não se trata de um processo de asilo nem de imigração ilegal. É um negócio: algum tempo de vida em troca de um futuro. É irrelevante qual o tipo de trabalho que os imigrantes irão fazer durante esse tempo. Todavia, as hipóteses de encontrarem trabalho nos campos de Odemira são particularmente boas.

Este negócio é uma concessão aos outros migrantes que também aqui acorreram: as empresas agroindustriais estrangeiras. Há alguns anos, a Driscoll's, um consórcio americano, descobriu em Odemira as condições perfeitas para produzir determinados frutos – framboesas, amoras, mirtilos e morangos. Seguiram-se-lhe empresas da Grã-Bretanha e dos Países Baixos. Surgiram enormes plantações, só que os frutos acabaram por apodrecer nos arbustos. Não havia quem os colhesse. Para muitos portugueses, trabalhar no campo não é motivo de orgulho.

Em março de 2019, sem que tal causasse grande sensação, a lei de imigração de Portugal foi alterada. O artigo 88 – o «visto das framboesas» – entrou em vigor. Hoje em dia, as ruas daquelas localidades estão cheias. E há campos de críquete,

supermercados indianos, agências da Moneygram. Através das janelas das antigas casas rurais ressoa música indiana, sente-se o cheiro do puri a ser frito.

É o encontro da Europa rica com as regiões pobres do Sul da Ásia, do capital com a mão de obra. No entanto, mais do que com dinheiro, os consórcios agroindustriais pagam essa mão de obra com esperança – na verdade, o salário mal chega para viver.

Na tarde do seu primeiro dia de trabalho, Sujan envia uma mensagem. Não irá poder encontrar-se connosco ao fim do dia, está a ser transportado para um outro alojamento. «Informo-vos quando nos pudermos encontrar.» Na tarde do dia seguinte, entra em contacto. Perguntamos-lhe se não há problema em encontrarmos com ele na paragem do autocarro. «Não tenho bem a certeza», escreve ele. Depois envia-nos fotografias: uma plantação, framboesas, luvas, baldes presos à sua cintura. Diz ainda que no dia seguinte irá ser conduzido de volta à plantação às 5h45.

O seu primeiro dia, conta Sujan, foi muito duro

No terceiro dia voltamos a encontrar-nos no restaurante junto à estação de autocarros. Sujan traz vestida roupa de trabalho, um corta-vento e uma camisola com capuz, bem como calças de ganga grossas, por causa dos espinhos. A empregada traz cervejas. «No Nepal nunca bebi um golo de álcool», diz ele. Só que na Europa toda a gente bebe, acrescenta. Leva depois a mão a um maço de cigarros, guardado no bolso da sua camisa. «E lá também nunca fumei.»

O seu primeiro dia de trabalho foi muito duro. «Assim que fosse colhida uma fila de arbustos, o supervisor gritava: “Dá meia-volta e faz de novo!”» Com a ponta dos dedos, Sujan simula movimentos de marcha sobre a mesa. «De cada vez que passo por uma fila de arbustos, vai havendo menos framboesas maduras. Só que sou pago por quilo colhido.» Na primeira hora ganhou quatro euros, diz ele, na segunda apenas um, na terceira 20 cêntimos.

À tarde, recebeu uma chamada, conta Sujan. De uma agência de trabalho temporário. Ofereceram-lhe um contrato, 5 euros e meio por hora. Sujan pousou os baldes e foi-se embora. «Nem sequer fiquei à espera de que me pagassem.» Nessa noite mudou-se para o outro alojamento, arranjado pela empresa de trabalho temporário. Três assoalhadas, divididas com outros cinco apanhadores, 150 euros por pessoa. «Uma cama, wi-fi em condições e uma cozinha. De que mais preciso?»

Sujan cresceu em Kapilvastu, uma localidade no Nepal que, de acordo com a tradição budista, é o local onde se situava o palácio que Siddharta Gautama abandonou. É com um brilho nos olhos que Sujan fala da sua terra: «Lá temos tudo.» Água, solo fértil, gente trabalhadora. Contudo, é a política que, segundo ele, põe o país doente. O Nepal é um dos países mais pobres do mundo, vai sobrevivendo em virtude das remessas de dinheiro feitas pelos nepaleses a viver no estrangeiro, que chegam a representar 27% do produto interno bruto.

A família de Sujan, no entanto, possui terras e propriedades. Pertence à classe média. Ele frequentou uma boa escola, iniciou os seus estudos superiores na Índia, em Bangalore, o Silicon Valley da Ásia: cursou Gestão de Tecnologias de Informação e diz ter obtido excelentes notas. Veio para a Europa para obter o seu mestrado em Gestão de Empresas. A prestigiada universidade INSEEC, de Chambéry, uma cidade nos Alpes franceses, aceitou-o.

Os pais de Sujan pagaram as propinas durante o primeiro ano: 9600 euros. Depois disso, ele iria ter de encontrar meios de se financiar. Porém, o que Sujan não sabia era que, enquanto estudante, não iria conseguir obter uma licença de trabalho, que não poderia ter um emprego. Teve de abandonar a universidade. Desse modo, uma vida com um padrão de classe média tornou-se uma história de imigração, uma transformação que aqui em Odemira nada tem de raro. No meio de toda a angústia, Sujan ouviu falar deste tal «visto das framboesas».

Desde 2018 que Portugal – tal como a República Checa e Malta – concede uma autorização de residência a quem faça prova de ter um contrato de trabalho. Em Portugal, no entanto, não é especificado o número de vezes que essa autorização pode ser prolongada. Pode sê-lo até que se possa solicitar um passaporte português. Para pessoas como Sujan, este é provavelmente o caminho mais direto para obter a cidadania europeia. E esse passou então a ser o seu objetivo.

No sexto dia, fomos buscá-lo ao local onde mora. Não quis deixar-nos entrar, pois não sabia se o seu empregador o permitiria. Enquanto nos dirigimos para o carro, Sujan fuma dois cigarros. Seguimos por estradas sinuosas que nos levam em direção à costa. À medida que nos vamos aproximando do mar, tanto mais manchas brancas vão surgindo à distância, centenas de estruturas onduladas, cobertas de plástico. Estufas abertas, quais túneis. Sujan vai-nos dando direções, viramos à esquerda, seguimos depois por um caminho de terra, à direita. As estradas são delimitadas por arbustos altos, protegem as plantações do ruído, da sujidade e dos olhares.

Detemo-nos num cruzamento de duas estradas de terra batida. Sujan espreita por

uma abertura entre os arbustos, a entrada para uma plantação de morangos. Nesse campo abundam os túneis, oito fileiras seguidas, ao longo de quatro quilómetros. «Hoje não há ninguém a trabalhar», diz ele, fazendo sinal para que entremos. «Os morangos é o pior!» Anda-se dobrado o dia inteiro. «As framboesas é melhor.» Aprende-se fazendo, segundo ele. Primeiro, há que reconhecer as variedades: framboesas escuras e maduras para o mercado local. As cor de rosa são para exportação. Depois a técnica: segura-se o arbusto com três dedos, evitando os espinhos, pega-se nos frutos, puxa-se com uma ligeira torção. «O resto é motivação.»

Sujan colhe quase sempre uns 50 quilos por dia. Por esse trabalho ganha entre 30 e 50 euros. Antigo estudante de Gestão, Sujan calcula: «Num ano, colho para cima de uma tonelada.» Multiplicado por 10 mil apanhadores. «Um pacote de 200 gramas de framboesas custa dois euros no supermercado.» Enquanto olha para nós, mentalmente terá já traçado uma linha sob as parcelas e obtido o resultado. Depois continua em frente e declara: «Os iPhones também não podem ser fabricados por trabalhadores americanos...»

Alguns dias mais tarde, avançamos no interior de uma pick-up através de uma das maiores quintas de framboesas da região. Oitenta hectares, centenas de túneis. O vento sopra como se atravessasse um canal. Um técnico conduz-nos por entre as fileiras, colhe uma framboesa rosada e diz: «Diamond Jubilee. É vendida no Lidl.» A seguir, de um outro arbusto, alguns frutos mais escuros, mais finamente pontilhados. «Sapphire. Também cresce no inverno.» Deste túnel saíram hoje bagas que tinham como destino a Alemanha, acrescenta.

Em Portugal, o negócio dos frutos silvestres está em crescimento

Homens de máscara vão empurrando carrinhos com recipientes de plástico. Um deles escuta a música indiana transmitida por um altifalante, apanha os frutos com rapidez e precisão, deposita-os nos recipientes de plástico, separados de acordo com o grau de maturação. Quando um desses carrinhos está cheio, é levado até à ponta do túnel, para um atrelado. Uma vez a cada hora, esse atrelado é levado para o armazém frigorífico; duas vezes por dia, parte um camião que segue para o norte da Europa. Dali a um dia ou dois, as pequenas embalagens plásticas estarão à venda no Lidl, no Edeka, no Rewe.

A plantação pertence à Hall Hunter, uma empresa entretanto integrada na recém-fundada The Summer Berry Company, empresa britânica que no Reino Unido é líder de mercado nos frutos silvestres. O negócio expandiu-se para Odemira há dois anos, juntamente com outros grupos agroindustriais. Todos eles seguiram os passos da

Driscoll's, o maior produtor de frutos silvestres do mundo.

Em 2016, a Driscoll's havia aberto uma filial em Odemira. O clima é semelhante ao da Califórnia: os verões são quentes, mas arrefecidos pelo ar do oceano, e os invernos suaves. Nos Estados Unidos, há muito tempo que os frutos silvestres estão também disponíveis no inverno. As framboesas europeias, no entanto, encareciam bastante nos meses inverniais. No sul de Portugal a Driscoll's veio encontrar o local certo para as cultivar durante todo o ano e com a mesma qualidade.

Não é o próprio consórcio que explora as plantações; em vez disso, aluga os direitos de cultivo, as sementes e a tecnologia a empresas subcontratadas. O que estas produzem aparece nos supermercados com o logótipo da Driscoll's. O consórcio acabou de construir um quartel-general em Odemira e diante dos portões da empresa há uma fila de camiões provenientes de França, da Alemanha e dos Países Baixos.

Em Portugal, o negócio dos frutos silvestres está em crescimento. Os fundos estruturais da União Europeia chegam a cobrir até 55 por cento dos custos de investimento dos produtores que aqui se instalarem. Assim sendo, empresas como a Sudoberry, da Grã-Bretanha, a FrutaDivina, da Holanda, e a Maravilha Farms, dos EUA, expandiram os seus negócios para estas paragens.

Nos terrenos da The Summer Berry Company há centenas de bangalôs em frente às plantações, bem como um campo de futebol e um campo de críquete. Os apanhadores vivem nas instalações e a cantina da empresa serve comida indiana. Têm acesso a cuidados de saúde, ao empréstimo de viaturas e a um ginásio. A TSBC é considerada exemplar, uma exceção; Sujan diz que gostaria de trabalhar lá. Não é fruto do acaso o facto de, apesar de termos pretendido visitar todos os 50 produtores de frutos silvestres ali existentes, apenas a The Summer Berry Company nos ter recebido.

Com a chegada das empresas, Odemira, outrora pobre, transformou-se. Em São Teotónio, a maior freguesia do concelho, existe atualmente um jardim de infância, um pavilhão desportivo, um parque infantil, tudo construído nos últimos três anos. São Teotónio, antes já muito envelhecida, está a rejuvenescer. Na escola primária, metade das crianças são indianas ou nepalesas, no infantário chegam a ser 80%. Algumas vêm sentar-se junto de nós. Um rapaz diz que quer vir a ser jogador de futebol no Bayern de Munique. Os outros sonham em ser modelo, engenheiro informático, piloto de corridas.

Sujan retira um cartão de identificação do bolso das calças. A «autorização de residência». Sujan conhece as regras, os parágrafos, os números, os prazos, as datas de validade. O negócio é simples. Entra-se legalmente no país como estudante ou turista. Pede-se uma autorização de residência com base num certificado de trabalho. Paga-se contribuições para a segurança social. Passado um ano, chega a altura da primeira renovação. Depois dali a dois anos, a seguir dali a outros dois. Por fim, pode-se solicitar o passaporte português. Para tal é necessário fazer-se prova de que se esteve a trabalhar mais de 50% desse tempo. E de que, mês após mês, se pagou os impostos. Após um breve período de processamento, é-se português e, como tal, cidadão da União Europeia.

Os primeiros passos são os mais difíceis. «Quando aqui se chega, só se consegue encontrar trabalho através de um agente», refere Sujan. O agente emite um certificado, que é necessário para obter uma autorização de trabalho. Enquanto decorre esse processo, é através do agente que os apanhadores prestam o seu serviço. Sujan ganhava 3 euros e meio por hora, ou seja, o agente retinha cerca de 40 por cento de «taxa». Após obterem a primeira autorização de residência, a maioria muda-se para uma empresa de trabalho temporário, passando a ganhar cinco ou seis euros à hora. O objetivo é conseguir vir a ser contratado diretamente, por exemplo pela The Summer Berry Company, com um salário mensal de 700 euros, mais horas extraordinárias e bónus.

«Eu cumpro todas as regras», diz Sujan. Paga os seus impostos, apresenta todos os comprovativos, faz os pedidos de prolongamento a tempo. Faz contas com os dedos, murmura números em nepalês. «Faltam mais cinco anos», declara. «Seis, no máximo.»

Essa noite, vamos até à praia com Sujan. Embora esta esteja a apenas doze quilómetros de distância, nunca antes ele lá tinha ido. De madrugada, às 5h30, é transportado para o trabalho numa carrinha. A jornada termina às 16h00, mas por vezes o regresso a casa chega a demorar duas horas.

Tomamos banho e conversamos. Quando Sujan fala, é frequente mudar de perspetiva. Refere-se aos apanhadores como se não fosse um deles. Olha para os assuntos de modo analítico, gosta de pensar sobre eles à escala «macro»: o domínio colonial na Índia, o Brexit. Quanto mais nos afastamos das plantações, mais marcada a noção de que conversamos entre iguais, pessoas da mesma idade, com o mesmo nível de formação.

Terá ele noção do que este negócio lhe poderá custar?

«É um negócio. É mau, mas é um negócio», afirma Sujan. «As empresas querem trabalhadores. O governo quer impostos. E nós queremos um futuro melhor.» A apanha dos frutos propriamente dita é um tema de conversa que o aborrece. Tem mais que se lhe diga. «Trata-se apenas de um grande círculo vicioso», explica Sujan. E acrescenta que precisa do passaporte para se libertar disso. «Para se conseguir obter qualquer coisa, há que trabalhar primeiro», diz ele. Ao fim e ao cabo, tal como em qualquer negócio.

Terá ele noção do que este negócio lhe poderá custar? Foi em 2018 que visitámos Odemira pela primeira vez. Numa ruela do centro de São Teotónio, que se estende a partir do largo do mercado, conhecemos Bharat Kumar, um pai de família com 32 anos de idade, meditabundo mas de espírito aberto. Fora um dos primeiros apanhadores de framboesas a ter chegado a Odemira, um ano antes. Tinha as mesmas esperanças de Sujan, os mesmos planos.

Um ano e meio depois, batemos à porta de Bharat, uma casa de esquina na parte antiga de São Teotónio. Em frente às janelas há camisas, calças e roupa interior pendurada, a porta de madeira não fecha. Bharat esboça um sorriso discreto, parece ter envelhecido consideravelmente desde que o vimos pela última vez. A porta bate contra um colchão estendido no chão, ao lado desse há ainda outros, ao longo do corredor. Na divisão seguinte, dois homens dormem numa cama. Há bolor nas paredes, o teto está preto, cheio de fuligem. Avançamos por entre os colchões, atravessamos outro quarto onde se vê dois beliches, três camas de campismo e um outro colchão. Por todo o lado, há homens jovens, de auscultadores nos ouvidos, em ligações de videochat para a Índia.

Bharat deixa-se cair sobre uma cadeira. «Estou permanentemente exausto», diz ele. Um companheiro de quarto serve chá com leite, bebida típica da sua região natal de Haryana, no norte da Índia. Um homem idoso, a quem todos chamam «chacha», que em hindi significa «tio», tende a massa para o chapati. A sala está repleta de sacos de arroz e farinha, de redes de cebolas e alhos, de pimentão e malagueta. Do canto da sala que é usado para cozinhar chega o fumo e o chiar da gordura a fritar. Mais adiante, há um homem a tomar duche. Um outro verifica as olheiras num espelho de motocicleta fixado na parede. Doze pessoas em 40 metros quadrados. A 120 euros por pessoa dá 1440 euros por mês. Em tempos alugava-se aqui um apartamento por 200 euros. O artigo 88 também alterou as condições de vida dos senhorios.

Por cada ano aqui passado, Bharat Kumar diz que envelhece dois

Bharat já aqui vivia há um ano e meio atrás, mas nessa altura encarava isto como uma solução temporária. Desde então, foi tendo de dividir o alojamento com cada vez mais pessoas para conseguir pagar a renda. Também Bharat não provém de uma família pobre, tem mulher e filhos em Haryana e um mestrado em Gestão de Tecnologias de Informação. Enquanto bebemos chá e sumo de laranja com sal, o seu telefone toca. É a mulher dele. Por breves instantes, o seu rosto ilumina-se. Às cinco da manhã parte para o trabalho, diz-nos ele, e quando regressa, às 19 horas, já passa da meia-noite na Índia. A sorrir, mas com um olhar triste, Bharat vira o ecrã para nós: uma mulher e uma criança acenam e exclamam «Hello!». Bharat deixa o quarto, sai para a rua. Onde consegue ter mais privacidade.

Bharat regressa passada meia hora. Chacha convidou-nos para jantarmos com eles. Bharat, no entanto, pede-nos que vamos andando. Vai connosco até à porta, aponta para os colchões com os homens adormecidos, olha para nós, como que a pedir desculpa.

No fim da tarde seguinte, encontramos-nos com ele no largo do mercado. Senta-se numa cadeira de plástico num café, não pede nem quer nada, pede-nos desculpa pela noite anterior. Diz que gosta de ter convidados, «mas não nestas... condições», acrescenta, depois de achar a palavra que procurava.

Está ali sentado, com dois telefones na mão, um deles para chamadas da Índia. «Turnos de treze horas», diz ele. Um dia de folga por mês. Ganha 800 euros ilíquidos. Bharat encolhe os ombros e acrescenta: «O dinheiro nem sequer é o maior problema. A minha vida tornou-se tão aborrecida... Trabalhar, dormir, trabalhar.» Faltam mais quatro anos, segundo ele. Está a envelhecer, pois por cada ano aqui passado, diz que envelhece dois. Ao despedirmo-nos de Bharat, prometemos regressar. Decorridos os sete anos, ele estará pronto para tudo: «A vida começa após o passaporte.»

Na última noite que passamos em Odemira marcamos um encontro com Sujan num restaurante. Depois de se tornar europeu, consegue imaginar-se como chefe de cozinha em algum restaurante premiado. Encomendamos salada com ovas de bacalhau, queijo e azeitonas. Sujan come pouco. Ainda não se habituou à comida local. Muito pouco sal, muito pouca pimenta, sem qualquer picante. «Tento ser europeu», diz ele, mas é em relação à comida que sente mais dificuldades.

Aos fins de semana, costuma falar com os pais ao telefone. Não os vê desde que veio para a Europa. «No próximo ano, é possível que queiram vir visitar-me», acrescenta. «Disse-lhes que trabalhava num escritório. Se soubessem que o filho trabalha no

campo... desatariam a chorar.»

Nessa mesma noite, no final do verão de 2019, fazemos – eu e Kristin, a fotógrafa – uma selfie com Sujan. Enviamos-lha no dia seguinte. Ele responde que fica satisfeito por nos mantermos em contacto. «Vemo-nos daqui a onze meses. Vou visitar-vos.» Com a autorização de residência, já poderá viajar.

No entanto, as suas mensagens vão-se tornando mais hesitantes, parece sofrer de solidão. Tenta animar-se: refere que, afinal de contas, acabou de chegar, que tudo leva o seu tempo. Em dezembro, o humor vai de mal a pior: «Sinto-me como se vivesse no inferno», escreve ele. «Neste momento nem tenho emprego. Não percebo porque tudo é tão complicado para mim!» Mais tarde, ao telefone, fala da sua preocupação em não vir a ser recrutado como trabalhador temporário durante o inverno. O desemprego deitaria por terra o seu sonho de ser europeu.

A situação não chega a tal. Sujan trabalha durante algumas semanas numa quinta de batata-doce. Depois escolhe mirtilos. Começa a ouvir canções de Natal portuguesas, para aprender a língua, mesmo que na verdade não precise de usá-la. Nos campos todos falam inglês e, assim como assim, depois de obter o passaporte português não planeia ficar em Portugal.

Em março de 2020, quando em muitos lugares por esse mundo fora são impostos confinamentos, o número total de casos de Covid-19 em toda a região em redor de Odemira nem sequer ultrapassa a centena. Em maio, Sujan prolonga a sua autorização de residência.

Durante vários meses, não recebemos notícias de Sujan. Receamos que, por essa altura, se sinta já como Bharat Kumar: que o trabalho o vai entorpecendo e que já só conta os dias até finalmente poder partir; que a sua vida só irá começar depois de obter o passaporte.

Mais tarde, porém, em novembro, recebemos um telefonema – e o estado de espírito é bem diferente. Sujan está entusiasmado, sente-se feliz, a transbordar de energia. Mudou-se para São Teotónio. Gosta da vila e do apartamento onde está alojado. Tem um novo emprego, a apanhar framboesas para a Maravilha Farms, um dos seus empregadores de sonho. «As horas extraordinárias são pagas», diz ele. A estabilidade do emprego, o prestígio do empregador, a fixação de objetivos claros – tudo isso lhe transmite confiança. Sujan vive a apenas alguns minutos de Bharat e, além disso, trabalham nos mesmos campos. Contudo, ainda não se conhecem. As suas vidas, apesar de todas as semelhanças, são fundamentalmente diferentes. Sujan

já não está à espera que, por fim, tudo acabe. Parece ter-se conformado com a mesma realidade com que Bharat ainda tanto se debate.

Queremos saber como foi em relação à visita dos seus pais. Sujan diz que a Covid-19 impediu que estes viessem. Acrescenta que até foi bom, pois assim não teve de se explicar. Seja como for, entretanto há assuntos mais prementes: os pais encontraram uma esposa para ele. Do Nepal. No próximo ano pretende voar para Kapilvastu. «Mas estás pronto para conhecer a tua futura esposa?», perguntamos-lhe. «Não», responde ele.

Sujan tem de ir, para trabalhar. Ainda lhe perguntamos se, de resto, está tudo bem. «Agora sou um apanhador de framboesas», declara. Diz que está a sair-se realmente bem. Que tudo está a correr como planeado.

Depois de ter fotografado Bharat Kumar no largo do mercado, Kristin Bethge mostra-lhe o retrato. Pergunta ele a Fabian Federl: «Quantos anos tens?» «Trinta e dois», responde o nosso autor. Bharat Kumar, quase com a mesma idade, sorri, abana a cabeça e pergunta: «Então porque pareço eu dez anos mais velho do que tu?»